

A queda do petróleo põe em xeque a reforma energética do México



O México abriu a porta para um vendaval. Justamente na hora em que se dispunha a impressionar o mundo com o fim de 76 anos de monopólio estatal do petróleo, o mundo o surpreendeu com uma vertiginosa queda do preço do óleo cru. O impacto foi fulminante. A divulgação da licitação das primeiras jazidas, a denominada Rodada 1, cuidada ao extremo pelo Governo federal, consciente de que era a aposta econômica mais importante do México em décadas, se viu diante de um cenário erno, marcado por um barril WTI (West Texas Intermediate, uma referência para a América) a cerca de 45 dólares, quando seis meses antes, em pleno debate sobre a reforma energética, chegava aos 100.

As consequências desse salto no abismo não se fizeram esperar. O peso caiu, a Bolsa desinchou e o desânimo surgido a reboque de sustos como a tragédia de Iguala tomaram corpo econômico. Um vento gelado começa a infiltrar-se em toda parte. A Pemex, petroleira pública, deu início a uma série de demissões, e o secretário da Fazenda, Luis Videgaray, reconheceu a possibilidade de cortes drásticos nos gastos públicos. Mas além dos ajustes internos, o naufrágio do óleo cru tirou do armário o esqueleto mais temido pelo Executivo: o possível fracasso das licitações petroleiras, a joia da coroa da era Peña Nieto, à qual o presidente atrelou seu futuro.